

	<i>Colégio Estadual Dr. Eduardo Bahiana</i>
	<i>Data:</i> ____ / ____ / ____
	<i>Turma:</i>
	<i>Aluno:</i>
	<i>Professor: Manuel Antonio</i>
	<i>Disciplina: Filosofia</i>

Resumo da 3ª Lista de Exercícios – 3º Ano

Filosofias de Schopenhauer, Marx e Engels

Arthur Schopenhauer (1788 - 1860)

Schopenhauer elabora sua metafísica competitora da metafísica hegeliana e com a postura de um revisor de Kant.

A metafísica hegeliana tinha como princípio propulsor a Razão.

Schopenhauer escolheu um princípio propulsor diferente, talvez até mesmo oposto: a Vontade.

Um mundo regido pela Vontade seria bem diferente de um mundo regido pela Razão.

Schopenhauer apresenta a história e a vida humana sem qualquer propósito predefinido.

Ao escolher a vontade como substituta da razão na condição de princípio e substância do real, ele fez o mundo perder as condições de querer compensar os indivíduos pelos infortúnios que cada um pode passar na vida.

Schopenhauer acreditava que para termos uma vida ética teríamos de escapar da rigidez da vontade.

Teríamos de negar a vontade individualmente, ou seja, a vontade que existe em nós teria de ser posta em hibernação e, para tal, usariam a arte.

A fruição estética seria o modo pelo qual deixaríamos o interesse de lado, apertaríamos a vontade contra a parede.

Não teríamos a vida ética a partir da construção de outra sociedade, como o comunismo, por exemplo, e sim a partir de uma postura nova de vida, a do asceta que busca escapar de impulsos interesseiros à medida que gasta seu tempo embevecido com a fruição estética.

Schopenhauer* adotou de Kant o esquema geral do sujeito transcendental, mas individualizou esse sujeito, inclusive lhe dando corpo.

Aceitando a divisão kantiana entre fenômeno e coisa-em-si, operou transformações nesses elementos e conceitos, criando seu próprio sistema filosófico.

Uma das principais transformações que fez foi a de tratar os fenômenos como representações do sujeito, e tomar a coisa em si como um elemento metafísico determinado: a Vontade (com V maiúsculo).

Tudo que é objeto para um sujeito é submetido ao tempo, ao espaço e à causalidade, sendo que essas três instâncias são funções do entendimento que, nesse esquema, diferentemente do de Kant, passa a ser capaz de intuição.

A Vontade sendo a coisa-em-si, ela é a substância do mundo.

É um querer-viver livre e cego e sem qualquer telos(finalidade), portanto, responsável pelo sofrimento existente no mundo.

O mecanismo de negação é a atitude estética que, nesse sentido, é a maneira de Kant entender a fruição estética.

Pois é ali, nessa fruição que anula toda a vontade, que ocorre o único momento e o único espaço em que esse querer-viver cego e responsável pelo sofrimento no mundo recebe um freio.

Ghiraldelli Jr., Paulo. A Aventura da Filosofia: de Parmênides a Nietzsche (págs. 174 a 179). Edição do Kindle.

Karl Marx (1818-1883)

Criou sua filosofia nas fendas do navio hegeliano à deriva.

Foi um hegeliano, mas sua formação filosófica calcada na filosofia clássica grega devia demais aos materialistas Epicuro e Demócrito,

Em vez de confiar no Espírito como responsável pelo mundo, Marx tentou encontrar um equivalente materialista para tal entidade.

Marx aponta como caracterizador de cada grande época da história foram os “modos de produção”.

A história deveria ser entendida a partir do escravismo, do feudalismo e do capitalismo, e não do desdobrar do Espírito do Mundo.

O capitalismo foi conduzido principalmente pelos seguintes atores sociais: burguesia e trabalhadores assalariados.

Houve uma transformação dos espaços urbanos e rurais com a implementação do sistema capitalista devido às mudanças tecnossociais ligadas ao desenvolvimento das zonas urbanas e às novas relações de trabalho.

Em vez de mostrar desdobramentos da filosofia, Marx preferiu mostrar desdobramentos da sociedade e da economia.

Marx acreditava que para termos uma vida ética teríamos de eliminar da vida social o que ele chamou de ideologia.

Para tal, deveríamos organizar nossa forma de produzir a sociedade, o nosso trabalho, de modo a extinguir o mercado.

Na produção social que os homens realizam, eles entram em determinadas relações indispensáveis e independentes de sua vontade.

Tais relações de produção correspondem a um estágio definido de desenvolvimento das suas forças materiais de produção.

A totalidade dessas relações constitui a estrutura econômica da sociedade — fundamento real, sobre o qual se erguem as superestruturas política e jurídica, e ao qual correspondem determinadas formas de consciência social.

Para Marx, a relação entre economia e política estabelecida no sistema capitalista faz com que o trabalho se constitua como o fundamento real da produção material, mas que a ideologia impede de ver assim.

O mercado seria o foco de produção da ideologia, o produtor da falsa consciência reinante, o elemento que estaria a nos impedir de ver as coisas corretamente e, assim, agir corretamente e viver bem.

Faríamos isso por meio de uma revolução.

Marx trouxe para a filosofia uma versão transformada da teoria dos ídolos de Bacon e da “ilusão necessária” das ideias da razão de Kant. Ele criou a noção moderna de ideologia.

Uma vez no mercado, as mercadorias ganham autonomia própria, e nós, os trabalhadores, nos tornamos objetos que seguem as regras do mercado para adquiri-las – se não as adquirirmos, nós perecemos; estar “excluído do mercado” é sinônimo de estar fora da vida nas “sociedades capitalistas”.

Cada produto do trabalho humano é fetichizado, ganha vida e se põe diante do seu produtor.

O valor aparece aos olhos de todos como sendo próprio das mercadorias – este é o centro da ideologia do capitalismo.

O capital, o dinheiro, os juros, tudo que é conferido aos objetos, surgem como os verdadeiramente vivos, uma vez que subjugam os vivos, os homens, que então se portam como mortos, como coisas – eles são reificados.

Essa ilusão não é um fantasma, ela é uma ilusão existente, real como ilusão, e se faz presente em um ponto importante da “lógica do capitalismo”.

O “fetichismo da mercadoria” não mostra que é pelo trabalho incorporado no produto que este ganha valor, gerando lucro, mas quer fazer parecer que o lucro se deve ao capital.

Ghiraldelli Jr., Paulo. A Aventura da Filosofia: de Parmênides a Nietzsche (págs. de 174 a 182). Edição do Kindle.
MARX, K. Prefácio à Crítica da economia política. In: MARX, K.; ENGELS, F. Textos 3. São Paulo: Edições Sociais, 1977 (adaptado).
QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M. L. O.; OLIVEIRA, M. G. Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

Friedrich Engels (1820-1895)

Escreveu, em parceria com Marx, o Manifesto comunista, e desenvolveu o materialismo histórico dialético, também com a parceria de Karl Marx.

Foi um dos grandes teóricos do comunismo do século XIX, e teve como grande motivação para o estudo e contribuição a essa área a observação da condição dos operários em uma fábrica de sua família, em Manchester.

Marx e Engels enxergaram no sistema capitalista uma injusta apropriação do trabalho dos operários por parte dos burgueses, sendo que apenas estes enriqueciam enquanto aqueles viviam na miséria.

A saída apontada pelos filósofos era uma revolução que uniria a força de todos os trabalhadores a fim de derrubar o sistema capitalista e tomar o controle dos meios de produção (as fábricas).

Após a revolta, um Estado forte e ditador seria criado e gerido pelos trabalhadores, esse Estado deveria controlar toda a antiga propriedade privada como propriedade pública, além de inviabilizar a criação da primeira.

A tendência, na visão dos autores, é que ele evoluiria para um Estado comunista perfeito, já sem a propriedade privada e sem a divisão de classes sociais.

A teoria de Marx e Engels visava transformar os ideais socialistas em uma teoria científica capaz de ser aplicada numa realidade prática.

ENGELS, F. In: GALLINO, L. **Dicionário de sociologia**.
São Paulo: Paulus, 2005 (adaptado).

PORFÍRIO, Francisco. "Friedrich Engels"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/friedrich-engels.htm>.
Acesso em 13 de junho de 2020.